

## CALENDÁRIOS ISLAMICO

### Texto original:

<http://www.calendario.cnt.br/calendarios.htm>

### Ampliação e ilustração de autoria de;

***Iran Carlos Stalliviere Corrêa***

Museu de Topografia Prof. Laureano Ibrahim Chaffe

### 1- FUNDAMENTOS DO ISLAMISMO

Além de ser especificamente uma religião, fundada por Maomé, é também um grande projeto organizacional de toda uma sociedade, sintetizada no vocábulo Islã, ou a submissão a **Alá**, ou "**Allah**" em árabe.

Genericamente, no Ocidente, os seguidores do Islã são chamados **Maometanos** ou **Muçulmanos**, ou seja, aqueles que submetem a Deus.

O ápice dessa religião é o fundamento em um completo e absoluto monoteísmo, sendo o dogma muçulmano expressado em:

“Não há outro Deus senão Alá, e Maomé é o seu último profeta”

Os seguidores do islamismo baseiam-se em duas portentosas obras, o **Alcorão** e o **Suna**.



\*Maomé recebe o anjo Gabriel\*

O **Alcorão** (*recitação*), livro sagrado, revelado pelo anjo Gabriel ao profeta Maomé, compõe-se de 6.226 versos e 114 capítulos; já o segundo a **Suna**, refere-se a uma coletânea de preceitos, com base nos **AHADITH** (*ditos e feitos*) do profeta Maomé.



\*Cópia do Alcorão – Século XIII\*

O **maometismo** originou-se da revelação divina, por intermédio do arcanjo Gabriel, efetuada pormenorizadamente a **Maomé**, considerado o último dos profetas, sendo **Adão** o primeiro e, **Jesus Cristo**, como um dos mais perfeitos.

O ponto culminante dessa religião é a afirmação de um absoluto monoteísmo, sendo os principais deveres de todos os muçulmanos, resumidos nos seguintes:

Dar testemunho da Unidade de Deus e da mensagem profética de Maomé;

Professar regularmente as orações diárias; basicamente, três são as classes das orações:

### **1a) OBRIGATÓRIA (FARD)**

Compreendendo as cinco orações diárias, a comunitária do meio dia de sexta-feira e as orações fúnebres.

Excluindo-se as exceções plenamente justificáveis, todo o muçulmano, homem ou mulher, devem oferecer as orações, seguindo o cronograma a seguir:

A) A oração das primeiras horas da manhã (**Salat al Fajr**) podem ser efetuadas em qualquer momento após o amanhecer e antes da saída do Sol, num período total de duas horas;

B) A oração do meio-dia (**Salatu-Zuhr**) podem ser efetuadas em qualquer momento depois que o Sol iniciar o seu declínio a partir do **Zênite** (*acima das nossas cabeças*) até, aproximadamente, a metade do caminho do seu ocaso.

Elucidativo os exemplos que extraímos da obra "**LUCES SOBRE EL ISLÃ**", editada pelo *El Centro Islâmico en Españã*.

*"Por exemplo, se o sol se põe às 7h da tarde, o tempo de oração começa pouco depois das 12h do meio-dia e continua até pouco depois das 3h30m da tarde. Pouco depois inicia o tempo da seguinte oração.*

*Entretanto, existem calendários que dizem a hora exata de cada oração. Se não se dispõe de nenhum se deve recorrer ao melhor critério de cada um"*

Quanto à oração do meio-dia, também da mesma obra citada, extraímos a seguinte nota:

*"Os muçulmanos dos fusos horários de verão parecem encontrar algumas dificuldades e confusão a respeito à hora correta da oração comunitária de sexta-feira (Jum'ah). O problema pode ser resolvido facilmente fixando à hora da oração entre a 1h15m e 2h30m da tarde ao longo de todo o ano. Deste modo, não será necessário trocar à hora de inverno a verão.*

*Recomendamos firmemente a nossos irmãos para que possam planejar em seus horários semanais como tarefa permanente. Idêntico ajuste pode fazer respeito às assembléias dominicais de meio-dia."*

C) A oração da metade da tarde (**Salatu al Assr**), que começa logo depois do término do tempo da oração do meio dia, extendendo-se até ao anoitecer.

D) A oração do anoitecer (**Salat al Magreb**). Imediatamente após o anoitecer, extendendo-se até que, no horizonte ocidental, desapareça o resplendor vermelho (*crepúsculo*) e dura em média, de uma hora e vinte ou trinta minutos.

E) A oração da noite (**Salat al Ychaa**). Inicia-se aproximadamente após uma hora e meia após o pôr-do-sol, continuando até antes do amanhecer.

## 2a) SUPLICANTES OU ROGATIVAS (**WAJIB Y SUNNAH**)

Constituem-se das orações que acompanham os serviços obrigatórios e as assembléias dos grandes festivais.

## 3a) ORAÇÕES OPCIONAIS

Correspondem às preces espontâneas que podem ser feitas a qualquer instante do dia e da noite.

Pagar o imposto religioso (**Zakat**), destinado aos mais necessitados.

O conceito da palavra (**Zakat**) é amplo e o seu alcance é transcendental, sendo mesmo um dos sustentáculos do islamismo.

Esse imposto, obviamente distingue-se e, é excludente dos chamados tributos oficiais e, para compreendê-lo, em que pese às complexas fontes da religião e aspectos regionais, principalmente os econômicos, enumeram-se:

Todo o muçulmano, homem ou mulher, possuidor de um determinado valor (*variável para cada país*), seja em dinheiro, mercadoria ou bens, no final de cada ano, no mínimo, deve contribuir com o **ZAKAT**, com a percentagem de 2,5 %.

Deixando-se de lado conceitos puramente econômicos, tributários ou contábeis, fixando-se nos altruísticos, perfeitamente em sintonia com o sagrado Alcorão, os procedimentos devem ser:

No fim do ano, o percentual de 2,5 % como contribuição ao **Zakat**, efetuar-se-á sobre o lucro líquido, após acrescer os ganhos e deduzir as despesas pessoais e familiares.

Quanto ao patrimônio imobilizado, como casas, apartamentos, sociedades etc., o percentual será calculado sobre o líquido dos eventuais ganhos e não obviamente, sobre o total dos bens; porém, em caso de ganhos desses bens, o imposto religioso será calculado também pelo líquido.

Recorrendo mais uma vez ao livro "**Luzes sobre El Islan**", classificam-se como justos receptores do **Zakat**:

*O Sagrado Corão classifica os ajustes receptores do Zakat do modo seguinte:*

- 1. Los musulmanes pobres, para mitigar su escasez.*
  - 2. Los musulmanes necesitados, para proveerles de medios con los que poder ganar su subsistencia.*
  - 3. Los nuevos musulmanes conversos, para permitirles estabilizarse y satisfacer sus nuevas necesidades.*
  - 4. Los musulmanes prisioneros de guerra, para liberarlos mediante el pago de rescate.*
  - 5. Los musulmanes endeudados, para descargarlos de las obligaciones contraídas por necesidades apremiantes.*
  - 6. Para pagar los salarios de los empleados musulmanes nombrados por un gobernador musulmán para el cobro del Zakat.*
  - 7. Los musulmanes al servicio de la causa de Dios, por medio de la investigación, estudio e propagación se dedica a cubrir sus gastos y ayudarles a continuar sus servicios.*
  - 8. Los musulmanes viajeros, que se encuentran perdidos en una tierra extraña y requieren asistencia.*
- Observar o jejum (Saum) durante o mês de RAMADAN.*

Fazer peregrinação (**Hayy**) a Meca, ao menos uma vez na vida.

Os muçulmanos dividem-se em dois grandes grupos:

### **Os Sunitas e os Xiitas**

Grosso modo, essa divisão originou-se da disputa pelo direito de sucessão a Maomé.

O fulcro divergente resume-se na essência diretiva.

Enquanto para os **Sunitas**, é apenas um chefe civil e político, sem autoridade espiritual, a qual pertence exclusivamente à comunidade como um todo, para os **Xiitas**, o líder sucessor (**Imã**), além de herdeiro, é o virtual alavancador da missão espiritual de Maomé.

Independentemente das divergências políticas, entretanto, tanto **Sunitas** como **Xiitas**, com diferenças de pequena monta, guiam-se pela leis fundamentais do Islã.

Embora perfeitamente coesos, aceitando **Alá** como Deus único, **Maomé** como legítimo fundador e inspirador do islamismo, o **Corão** como livro sagrado, parcelas pequenas dos estimados 850 milhões de seguidores, divergem em aceitarem ou não a **Suna** como textos

sagrados e, em maior ou menor rigidez, quanto às normas recitadas no **Corão**.

Desses segmentos divisionistas, destacam-se por ordem alfabética: **bahais, chafeitas, drusos, hambaditas, hanafitas, ismaelitas, malequitas e zeitas**.

Concluindo, cerca de 85 % dos seguidores do islamismo são **sunitas**.

## **2- QUEM FOI MAOMÉ?**

O nome **Maomé** é a corruptela hispânica do nome **Muhammad**; nasceu entre os anos de 569 e 571 da Era Comum, na cidade de Meca, falecendo no ano de 632.

Originava-se de uma família pobre, os **Axemitas**, da tribo **Coraixita**.

Ficou órfão demasiado cedo, com apenas seis anos de idade; sendo desde então, criado pelo avô Abd al-Motalib que, após a sua morte, foi substituído pelo tio Abu Talib na educação do menino.

Ainda sob a tutela do avô, foi viver no deserto, aprendendo a língua e os costumes dos beduínos, bem como suas necessidades, tanto materiais como espirituais.



Quando tinha aproximadamente 15 anos de idade, regressou a cidade de Meca, agora sob a responsabilidade do tio, que sob sua assessoria, o introduz no comércio de caravana.

Sem maiores conhecimentos, pode-se imaginar que tal comércio exigia do praticante habilidades diversas, inclusive militares, no combate aos assaltos até certo ponto freqüentes ocorridos contra tais expedições. Afirma-se que **Maomé** suplantou todos os obstáculos, tornando-se um exímio caravaneiro.

Além de grande experiência comercial obtida como guia dessas expedições, auxiliando os hábeis comerciantes, rumo ao norte e ao sul, com as duas caravanas anuais que partiam de **Meca** rumo à **Síria**, no verão, e ao **Iêmen**, no inverno, deu a Maomé muito prestígio pessoal, tornando-se, naturalmente, um bom partido.

Com a idade de vinte e cinco anos, desposa **Cadija**, já nas proximidades dos quarenta anos, uma viúva com muitas posses.

Diz os registros históricos que após o casamento, **Maomé** deixou as caravanas, tornando-se um vendedor de frutas, em Meca, como sócio de um ponto comercial.

Possuidor de um carisma, de uma simpatia pessoal contagiante, embora aparentemente iletrado, perspicaz, ótimo senso prático, caridoso, muito acima da média, faz de Maomé, ainda próximo dos vinte e cinco anos, um personagem de grande reputação.

Cidadãos bem mais velhos, coisa difícil por aqueles tempos, recorriam aos seus conselhos sobre questões do dia-a-dia e, não raro, sobre ajudas financeiras e até religiosas.

Avançando no tempo, no interregno da conversão de **Maomé**, muito se escreveu e pode-se conjecturar das formas mais variadas, sem contudo formalizar-se uma idéia mais precisa dos verdadeiros motivos que o influenciaram.

Consta que o próprio profeta, sempre foi reticente sobre os fundamentais motivos que o levaram a conversão.

A Arábia, península árida localizada no Oriente Médio, banhada no Sul pelo Oceano Índico, a Oeste pelo Mar Vermelho, a Leste pelo Golfo Pérsico.

Ao Norte, a Arábia pré-islâmica, politeísta, limitava-se com a Palestina e, sofria fortes influências de fora, principalmente do Império Bizantino, do cristianismo, bem como, da religião do Império Persa, a masdeísta, dualista por excelência, admitindo dois princípios antagônicos; o da vida e da felicidade e o do mal e do infortúnio, o primeiro personificado em **Ormuzd**, o segundo em **Ahriman**.

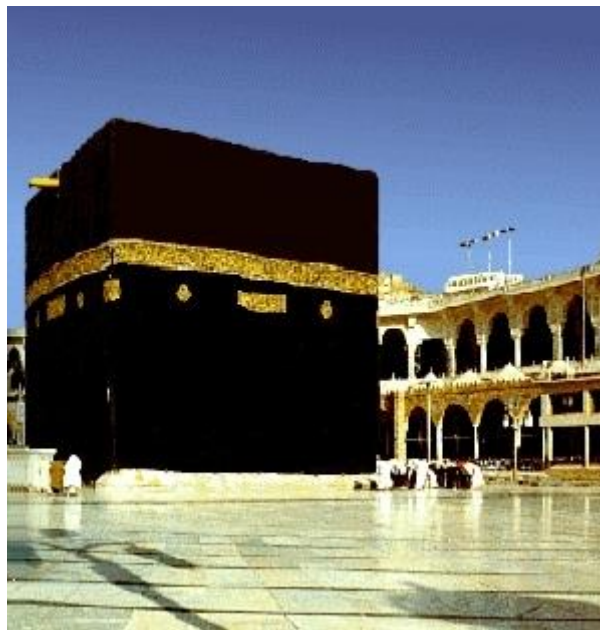
Outras influências religiosas eram abissínicas e judaicas.

Na chamada Arábia litorânea, contrapondo-se com a Arábia do deserto, pelos aspectos circunstanciais, além de mais produtiva, principalmente em **Adem**, um movimentado entreposto de produtos

provenientes do Oriente, ocorriam inúmeros mercadores, principalmente estrangeiros.

Esse intercâmbio com vários países, era o sustentáculo econômico das populações litorâneas, principalmente as de **Yatreb** (*posteriormente Medina, a cidade do profeta*) e **Meca**, fazendo com que, inclusive, houvesse grande disputa comercial entre elas, mais precisamente na atração dos beduínos, povos árabes do deserto.

Por ser um centro religioso e de peregrinação (*Poço Sagrado, Vale da Mina, Monte Arafat*), **Meca** levava considerável dianteira.



*\*A Caaba em Meca\**

A **Caaba**, famoso templo instalado em **Meca**, local em que as tribos árabes mantinham os seus inúmeros ídolos (*mais de 360*), no qual, segundo a lenda foi construído por **Abraão** (*Ibraim, em árabe*). Cultivava-se no templo, particularmente, uma pedra negra, a qual, segundo a tradição, originava-se do Céu, tendo sido transferida para a **Caaba**, pelo arcanjo Gabriel. Segundo a lenda, consideravam-na como sendo o centro da Terra, e a sua negritude, provocada pelos homens, em função de seus pecados.

Em grande número, os beduínos, ao chegarem a **Meca**, praticavam um rituoso cerimonial:

No **Vale da Mina**, apedrejavam o demônio (*segundo a lenda, foi nesse local que **Ismael**, ao ser tentado pelo demônio, expulsou-o com pedradas*); dirigiam-se ao **Monte Arafat**, local onde, em meditação, passavam a noite; bebiam a água sagrada do poço; finalmente,



beijavam a **Pedra Negra**, dando a seguir, sete voltas ao redor da **Caaba**.



*\*A Pedra Negra\**

Após esse cerimonial, os beduínos consideravam-se purificados e prontos a comercializarem na feira, nas circunvizinhanças do templo.

Os ricos comerciantes da cidade, pertencentes à tribo dos **Coraixitas**, além dos guardiões do templo, detinham o monopólio da feira.

Mas voltemos à Arábia, no pré-islâmismo, tentando diagnosticar os assuntos macros que fizeram com que o **Alcorão** fosse revelado ao **Profeta Maomé**.

A Península Arábica estava dividida por dois impérios, o dos romanos e dos persas; as lutas entre os próprios árabes eram intensas, provocando danos, mágoas e desejos de vingança, praticamente irreversíveis.

O **Botin** (*saque dos bens dos vencidos*) provenientes das batalhas, o animismo, a idolatria, o politeísmo, no campo religioso, dividiam mais e mais o povo, formando grupos, cada vez mais fanáticos e ao mesmo tempo antagônicos.

O reflexo na vida social era catastrófico; a poligamia desenfreada, a poliandria, os excessos obscenos, assassínios, corrupção, roubos, toda a sorte de desvios, minavam e destruíam, cada vez mais, o que ainda restava de dignidade do povo árabe.

Foi sob esse cenário desolador que surgiu os fundamentos islâmicos.

Provavelmente, em função das suas andanças, contatos com vários povos e religiões, **Maomé** ficou muito impressionado com a força emanada do judaísmo e do cristianismo, principalmente quanto ao monoteísmo e as suas virtudes reais.

Começa formar naquele espírito de luz, uma idéia sobre a organização de um sistema religioso.

**Maomé** passou a ter procedimentos não convencionais, com ataques que o faziam contorcer-se, prostando-se no terreno; passava noites no monte **Hira**, perto de Meca, em total meditação.

Foi num desses retiros espirituais, já aos 40 anos de idade, no mês de **Ramadán**, agosto de 610 da Era Comum, que foi-lhe revelado, sob a intervenção do arcanjo Gabriel, ser ele escolhido por Deus para a nova missão.

Consta que as três primeiras suratas do Alcorão foram reveladas e registradas em pergaminho, substituídos posteriormente por revelações orais, quando Maomé entrava em transe, envolvido em cobertores que o faziam suar demasiadamente.

Essas revelações, ocorreram desde o princípio da Missão de Maomé, até o seu falecimento, extendendo-se pois, por vinte e três anos.

Por recomendações, nos três primeiros anos após as primeiras divulgações, Maomé restringiu seus ensinamentos doutrinários e revelações divinas a um pequeno grupo de iniciados, principalmente aos seus parentes, ao todo, aproximadamente oitenta pessoas.

Encorajado pessoalmente, estimulado por seguidores mais ardentes, **Maomé**, por volta do ano de 616, ainda com parcimônia, arrisca-se a vôos mais altos, ou seja, começa a pregação pública propriamente dita.

Os sermões proferidos por **Maomé** eram contundentes, criticavam objetivamente os costumes religiosos de **Meca**, acompanhados dos princípios religiosos já delineados, inspirados na crença de um só Deus.

Como novidade, no início da pregação, até mesmo os **coraixitas** ficaram muito impressionados; porém, com o passar do tempo, prevendo o que iriam perder, passaram a menosprezá-lo, uma primeira etapa, para em seguida, promoverem perseguições ao Profeta e, aos seguidores, provenientes em sua grande maioria, das camadas mais pobres da população.

Fomentando o monoteísmo como uma das premissas da nova religião, colocava-se em risco os atrativos que Meca exercia sobre os árabes, principalmente beduínos, os quais poderiam derivar-se para outras regiões, prejudicando sensivelmente os fortes interesses econômicos dos coraixitas.

Essa nova crença figurava como um grande perigo para os donos do poder, surgindo uma forte oposição ao Profeta; por paradoxal que pareça, um dos seus mais ferrenhos contendores era **Abu Láhab**, um dos filhos de **Abdul Mutaleb**, tio de Maomé, o qual foi taxativamente excomungado no livro sagrado do **Alcorão** (Surata 111).

Com o passar do tempo, a crise aumentava e, na noite de quinta para a sexta 15/16 de julho de 622 da Era Comum, **Maomé** foi obrigado a fugir para **Iatrib** (*depois Medina*), onde tribos árabes viviam em conflitos entre si e também com as tribos hebraicas; na verdade, Maomé foi convidado anteriormente pelas autoridades constituídas de **Iatrib**, como último recurso para restabelecerem uma harmonia, para por fim a uma série de desmandos .

Essa fuga (**Hégira-Hijra em árabe**) é o marco inicial (16/07/622) da era islâmica e, conseqüentemente, do **calendário**, sistemática e procedimentos que serão sobejamente analisados mais adiante.

Em **Iatrib**, no prazo de oito anos, não sem muita luta, **Maomé** conseguiu organizar os muçulmanos em comunidade; nesse ínterim, de 623 a 624 da Era Comum, organizou expedições (*constam dos registros, um total de seis*), institucionalizando, o dogma da guerra santa (**Djihad**), atacando as caravanas que originavam-se de Meca.

Numa natural reação, as forças constituídas e dominantes de Meca, inúmeras vezes e com derrotas, tentaram desmobilizar o Profeta, até que por fim, os coraixitas submeteram-se também ao Deus Alá.

Finalmente, **Maomé**, com um contingente aproximado de 10.000 adeptos, no ano de 630 da Era Comum, retorna triunfalmente a cidade que o praticamente expulsou.

Na tomada da cidade, foram destruídas todas as imagens que no local eram adoradas, respeitando-se, porém, a **Caaba**.

Dessa forma, nesse ano de 630, nasceu verdadeiramente o **Islã**.

**Maomé** morre dois anos após o evento da conquista de **Meca**, em 632, tendo a primazia de ter consolidado toda uma comunidade,

religiosamente unificada e politicamente organizada, estribada nos preceitos do livro Sagrado **Alcorão**.

### **3) A VERTIGINOSA EXPANSÃO DO ISLAMISMO (APÓS MAOMÉ)**

Consta dos anais que as revelações dadas a Maomé não foram, evidentemente, de uma só vez; elas eram divulgadas pouco a pouco e era costume, que ao divulgá-las aos seus amigos mais chegados, exigia que as decorassem e, com o auxílio de amanuenses (*escreventes*) as registrassem.

É de conhecimento oficial que a primeira revelação deu-se, no mês de **Ramadán** do ano Primeiro da Missão, em agosto de 610 da nossa era, por meio do arcanjo Gabriel.

As revelações efetuaram-se tanto em **Meca**, antes da fuga, como em Medina em número de cento e quatorze suratas, e o ordenamento delas não foi, necessariamente, efetuado pelo Profeta.

**Maomé**, possuidor de uma memória privilegiada, recitava, principalmente no mês inteiro de **Ramadã**, todas as suratas até aquele momento reveladas e, conforme as necessidades, ordenava-as adequadamente, a fim de receber as novas revelações.

No último ano da sua vida, o Profeta, através da solicitação divina, recitou todas as suratas duas vezes.

Muitos dos seguidores de Maomé, sabiam também e recitavam os versos apenas recorrendo à memória.

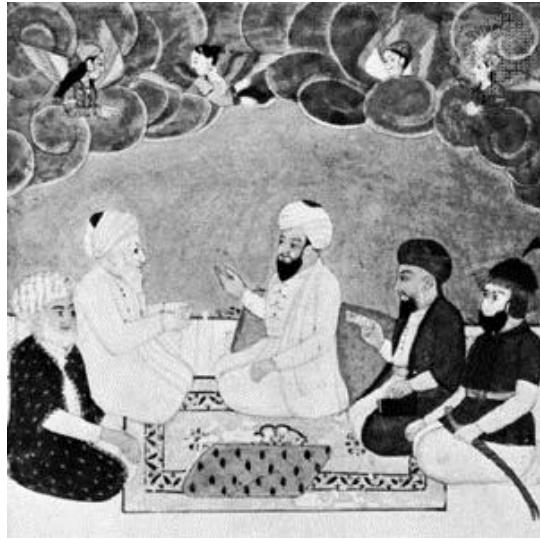
Divulgam os doutos no assunto que, não há uma data precisa de quando deu-se o início dos registros e de que, muito provavelmente, e até por lógica, pois ainda não havia seguidores, as primeiras revelações foram armazenadas tempos depois.

Consta, porém, que nos últimos dezoito anos da existência terrena do **Profeta**, além do crescimento dos seguidores, multiplicavam-se as cópias dos textos sagrados.

Logo após a morte de **Maomé**, em que pese o fortalecimento do Islã, somente a Arábia estava convertida, algumas tribos árabes estavam revoltas e, muitos dos seguidores do Profeta, principalmente os que sabiam o Alcorão de cor (**Hafizes**), foram eliminados.

**Abu Bakr**, o primeiro califa (632-634), fiel amigo de Maomé, os quais fugiram juntos para Medina, com receio que a morte do **Hafizes**,

pudesse confundir os divinos preceitos do Alcorão, resolve fomentar, incentivar e assessorar os registros ainda recentes das revelações.



**\*Califa Abu Bakr\***

Para isso, após consultar as principais autoridades, confiou a **Zayd Ibn Thabit**, primeiro escriba das revelações ditadas pelo próprio Maomé, compilar uma cópia oficial de todo o texto.

No campo expansionista, o califa **Abu Bakr**, após dominar os revoltosos, completa a conquista da Arábia e penetra no sul da Palestina, avançando em direção à Síria e à Pérsia.

**Omar I** (*Abu Hafsa Ibn el Khattab*), sucessor de Abu Bakr, segundo califa, de 634 a 644, conquistou a Síria, a Pérsia e o Egito, instituindo a era da **Hégira** (16/07/622).

Como outras eras, a **Hégira** é proléptica, ou seja, foi instituída depois que se deu o fato homenageado.

Omar foi substituído por **Otomão** (*Othman*), terceiro califa, de 644 a 656, ligado aos coraixitas, tendo perseguido os parentes de Maomé.

Consta ter sido o primeiro califa que enviou expedições as ilhas do Mediterrâneo; foi assassinado por **Mohamed**, filho de Abu Bakr.

Por ocasião do terceiro califado, foram distribuídas, sem muito critério, cópias de exemplares do **Alcorão**, aos novos territórios em contato com os preceitos do Islã, cuja grande maioria, alega-se, não haviam nem visto e muito menos ouvido Maomé.

Por diversos fatores, com predominância da língua, distância geográfica etc., surgiram formas, tanto na recitação como na entonação, muito prejudiciais aos conceitos originais.

**Otomão** interveio e prontamente solucionou o impasse; além de consultar autoridades no assunto, formou um comitê de quatro eruditos, instruídos diretamente pelos originais escribas das Revelações.

Todos os originais conhecidos foram recolhidos e substituídos por exemplares que preservavam o mesmo dialeto usado pelo Profeta.

Desde àquela época, prevalece até os dias atuais, a mesma estrutura normatizada, sem mudanças de palavras, pontuação, sinais e ordenação.

Posteriormente, **Ali**, marido de Fátima, primo e genro de Maomé (*parece ter sido o discípulo preferido*), tornou-se de 656 a 661, o quarto califa.

A guerra entre **axemitas** e **coraixitas** deu continuidade; Ali foi assassinado em Cufa, numa mesquita, tendo **Moaviyya Omíada**, antigo secretário de Maomé, governador da Síria, tomado o poder, declarando-o hereditário, tornando-se assim, o primeiro califa **Omíada**.

A capital foi transferida para **Damasco**; nasce a dinastia **Omíada** (660-750), período que, o mundo árabe expandiu-se de forma fantástica.

Sinteticamente, as conquistas foram:

O Turquestão, a região do Iran, aproximando-se da Índia.
No reinado de Abdul Malik (685-705), em 697, Cartago foi destruída.
O sexto califa, Al-Walid (705-715), terminou de conquistar a Síria e, consolidou a junção da Palestina e da Pérsia.
Magreb (Norte da África) foi conquistada e, na miscigenação das raças, invasores e locais, convertidos ao islamismo, destacaram-se os Mouros.
A expansão na África foi fator fundamental, uma verdadeira base para avanço, agora ruma à Europa. O primeiro país europeu conquistado foi a Espanha (Hispania), cognominada Al-Andalus. Na ocasião, dominava a Espanha, posteriormente a queda do Império Romano, Rodrigo ou Roderico, rei dos Visigodos germânicos.
Numa sangrenta batalha (711), do Criso ou de Guadalete, Tarik-

Ibn-Ziyad, um norte-africano, convertido ao islamismo, pisa pela primeira vez o solo do continente europeu; a batalha foi ganha pelos invasores, com exceção da região montanhosa das Astúrias, onde refugiaram-se os Visigodos. Com a resistência havida nas montanhas, os muçulmanos tentam avançar rumo à Gália, tendo sido derrotados, em Poitiers, no ano de 732, pelo príncipe franco Carlos Martel.

A dinastia **Omíada**, em virtude de desavenças internas, em 750 termina; surge em seu lugar, a dinastia **Abássida** (750-1258).

A capital é transferida novamente, agora para **Bagdá**, provocando praticamente a primeira divisão do Islã.

**Abd-al-Raaman I**, da dinastia Omíada, refugia-se na Espanha, fundando o Emirado de **Córdoba** (756); nasce assim o primeiro Estado independente no vasto Império Muçulmano.

Durante o seu emirado (756-788), concedeu aos cristãos, mediante o pagamento de uma taxa específica, a tão sonhada liberdade de culto. Na época, na localidade, conforme registros, conviviam em harmonia absoluta, cristãos, judeus e, logicamente, muçulmanos.

A dinastia **Abássidas**, constituída de 37 califas árabes, fundada por Abulabas, reinou de 751 a 754 e, pelas suas crueldades, recebeu o cognome de **O Sanguinário**.

Seu irmão e sucessor foi **Almançor** (754-775); fundou Bagdá, em 772, tornando-se esta cidade, como vimos, a capital do califado.

Consta ter introduzido, na corte, o ritual persa e, no campo político, a administração típica bizantina e persa, cujo chefe ou ministro era denominado **Vizir**.

O Império Muçulmano atingiu o seu ápice no califado de **Hárune-Al Ráxede** (786-809), temido pelos seus inimigos (*bizantinos, persas, barmecidas, etc.*) e querido pelos seus súditos.

**Hárune** foi amigo pessoal de Carlos Magno, benevolente, sapiente e também dono de uma notável eloqüência; no seu convívio diário, proliferavam sábios, literatos e grandes poetas. Foi personificado como herói em muitos contos das Mil e Uma Noites.

Mas apesar disso o enfraquecimento do Império, pelas divisões, continuava; em 788, Marrocos rompe com o Islã, surgindo os **Tatimitas**, dinastia muçulmana, descendente de Fátima, filha de Maomé, cujos partícipes, reinaram na África do Norte de 909 a 1171.

O primeiro **fatimita** foi **Obeid-Alá**, conquistador do Magrebe e da Sicília; o último foi **Aded-ibn-Yussuf**.

No seu maior apogeu, no século X, esse Império abrangia: África do Norte, Egito, Malta, Sardenha, Sicília, Síria e algumas ilhas do Mediterrâneo.

O califado de Bagdá, partindo do ano de 1055, foi subjugado pelos seljúcidas, descendentes do chefe turco **Seljuque**.

Por fim, os mongóis, em 1258, praticamente destruíram a cidade de Bagdá.

Muito embora, com teocracia, o Império Islâmico teve o seu declínio, como força religiosa continuou a crescer.

### **3) O CALENDÁRIO ISLÂMICO PROPRIAMENTE DITO**

Antes da **Era da Hégira**, o calendário dos árabes era lunissolar, com 12 meses lunares, com adição de um mês intercalar, o qual, servia para conciliar, nos parâmetros da época, com o ciclo solar.

Consta que suas estruturas fundamentaram-se nos conhecimentos da chamada cosmologia primitiva, principalmente grega.

No entanto, **Maomé**, mediante as revelações obtidas, abominou as intercalações, embora conciliatórias, plenamente convencido que tais interferências no ciclo natural da Lua, contradizia a vontade de Deus.

O Profeta passou a exigir então, um calendário puramente lunar, sem inserções artificiais.

Todavia, a bem da verdade, não conseguimos estabelecer, com precisão, em que data foi introduzido o calendário que prevalece até os nossos dias e, quem foi o seu efetivo inventor.

Sabe-se porém, como já vimos, que a **Era da Hégira** (16/07/622) foi estabelecida por **Omar I**, segundo califa (634 a 644), em 632, posteriormente à morte de Maomé.



Como veremos detalhadamente, os calendaristas islâmicos admitem ser a revolução sinódica média da Lua, próximo a:

29,53055555... dias por luação

Aceita-se a revolução sinódica da Lua atualmente como sendo de: 29,5305888531 dias médios por luação.

Ou seja, uma diferença de 2,87695584000 segundos por luação ou, 1 dia a cada 30.031,743529 luações, ou ainda, em 2.502,64529608 anos islâmicos.

## 4) SISTEMA OPERACIONAL

### 4.1- COMPOSIÇÃO DO ANO

O ano compõe-se de 12 meses (12 luações) de 354 ou 355 dias; a nomação, ordem seqüencial e quantidades de dias é a seguinte:

1	Moharrem	30 dias
2	Záfar	29 dias
3	Rabi I	30 dias
4	Rabi II	29 dias
5	Yumada I	30 dias
6	Yumada II	29 dias
7	Reyeb	30 dias
8	Chaban	29 dias
9	Ramadán	30 dias
10	Chual	29 dias
11	Dulkada	30 dias
12	Dulhiya	29 ou 30 dias

Os meses, a partir de **Moharrem** (*início do ano*) têm, alternadamente, 30 ou 29 dias.

Os anos com 354 dias são comuns, e os com 355 são abundantes; o acréscimo de 1 dia ocorre sempre no último mês **Dulhiya**.

O começo de um dia é considerado ao pôr-do-sol ou seja, o dia é considerado a partir do pôr-do-sol do dia civil precedente.

Em síntese, para os não islâmicos, um dia convencional de 24 horas, engloba, para exemplificar, a segunda metade da noite, todo o dia e, a primeira metade da noite, ou seja, a noite que é contínua, pertence na realidade há dois dias.

Para os não islâmicos, a passagem do ano, na hipótese de 1996 para 1997, ao declinarmos a noite, teríamos de fazê-lo da seguinte forma:

### A noite de 31/12/1996 para a noite de 01/01/1997

Já entre os islâmicos, por exemplo, a noite de Primeiro de Moharrem, primeiro dia do ano 1418 (09/05/1997), teve o seu início após o pôr-do sol, do dia 30 de Dulhiya (*ano abundante*), último dia do ano de 1417 (08/05/1997).

Atenção pois, principalmente historiadores, quando tratar-se de um acontecimento:

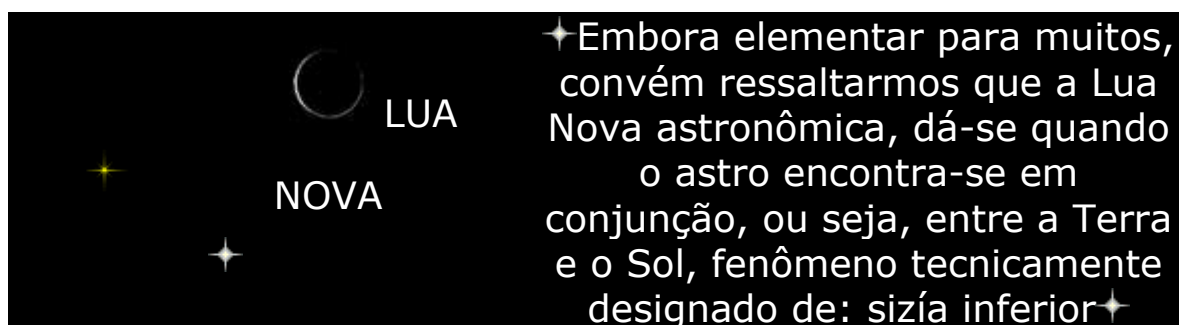
Por exemplo:-

*Se um fato ocorreu, em uma noite do dia Primeiro de **Rabi I** do ano de 1040, comparativamente ao calendário gregoriano, o evento ocorreu após o pôr-do-sol do dia 8 de outubro de 1630, uma terça, para 9 de outubro, já numa quarta, da meia noite a alvorada.*

O calendário em epígrafe é, de todos os calendários vigentes com tal alcance e prestígio, o único que podemos considerar de puramente lunar.

Teoricamente, todo o primeiro dia de cada mês, com seu início ao pôr-do-sol, será prenúncio de **Lua Nova** ou novilúnio visual.

Concluísse pois, que em um ano islâmico manifestam-se 12 lunações.



Nesse instante, por motivos óbvios, não há possibilidade, sem instrumentação, de determinarmos essa manifestação; na prática, para a observação visual do início da fase, registra-se em média, o transcorrer de aproximadamente, 40 horas do instante da conjunção.

Tradicionalmente, as visadas, em cada lugar, para diagnosticar o surgimento dos primeiros reflexos da Lua, eram efetuadas por dois religiosos credenciados.

Atualmente, a data no qual **Ramadán** começa, pode variar de data do calendário e, a Lua Nova é observada do Observatório Naval, localizado no Cairo.

Gostaríamos, entretanto, de alertar o prezado visitante para o seguinte:

*Divulga-se, mesmo existindo pouca literatura específica sobre o assunto, de que o calendário islâmico flexiona-se apenas no último mês, o Dulhiya, passando de 29 para 30 dias, em 11 vezes em cada ciclo de 30 anos.*

*Tal afirmação não condiz com a veracidade sistêmica! Vejamos qual é o motivo.*

Como vimos em linhas anteriores, entre o fenômeno tipicamente **astronômico** e o visual, em apenas algumas horas tal manifestação ocorre.

Em decorrência de tal fato, e não poderia ser ao contrário, consta dos anais históricos, ser tal tema, um dos mais discutidos no Islã.

As observações festivas ou respeitadas, deveriam ser estipuladas mediante observações, conforme prescrição do Profeta, ou mediante cálculos astronômicos?

Os **ismaelitas**, por exemplo, são de opinião divergente de outras ramificações que insistem categoricamente em **OBSERVAR** o aparecimento da Lua.

Por convenção, prevalecendo o bom senso, estabeleceu-se que o **Ramadán** terá o seu começo, na **Lua Nova** ou como queiram, no novilúnio, em observações visuais obtidas pelo Observatório Naval.

Essa determinação, sem afetar absolutamente as outras normas e procedimentos aplicados ao calendário, faz com que o mês de **Ramadán** dure 30 ou 29 dias e, o mês anterior, o **Chaban**, respectivamente 29 ou 30 dias.

Em síntese, quando **Ramadán** têm 29 dias, o mês de **Chaban** terá 30, não influenciando a quantidade de dias no ano.

Exemplo:

Em 1936 (Hégira 1355), Chaban teve 30 dias (15 de novembro, um domingo)  
e  
Ramadán 29 dias, sendo o dia Primeiro, 16 de novembro uma segunda.

## 4.2- OS CICLOS DO CALENDÁRIO

O sistema de **calendário islâmico**, estrutura-se em um ciclo de 30 anos com um total de 360 meses e, conseqüentemente, o mesmo número de lunações.

Cada ciclo de 30 anos, compõe-se de um total de 10.631 dias, fazendo-se com que, cada lunação seja de 29,530555555...dias médios, contra os 29,5305898531 dias médios aceitos pela astronomia.

Sendo os meses compostos seqüencial e, alternadamente, de 30 e 29 dias, recorreu-se a um artifício engenhosos e muito prático, para obter-se essa aproximação.

Sistematicamente, em cada ciclo de 30 anos, as seqüências dos 2,5,7,10,13,16,18,21,24,26 e 29 anos, constituem-se em anos abundantes, com o último mês do ano, **Dulhiya**, contendo 30 dias, na seguinte composição:

19 anos de 354 dias = 6.726 dias

11 anos de 355 dias = 3.905 dias

Ciclo de 30 anos = 10.631 dias

Oficialmente, o **calendário** e o ciclo, tiveram o seu início em 16 de julho do ano 622 da Era Comum, numa sexta- feira.

Atualmente, no ano de 2002/2003, 1423 ano islâmico, um ano comum de 354 dias, 13 da seqüência de 30 anos, estamos no 48 ciclo da **Hégira**.

O **calendário lunar islâmico**, prático e preciso, como vimos, de uma eventual defasagem de 1 dia em 2.502,6452969 anos, quando correlacionado com o calendário solar gregoriano (atual), apresenta-nos alguns elementos complicadores, os quais, observados com atenção, são de uma certa maneira, facilmente dirimidos.

O ciclo do **calendário solar gregoriano** é de 400 anos mais 1 dia; isso significa que a repetição dos dias dos meses com os dias das semanas, somente dar-se-ão, depois de transcorridos 146.097 dias.

Corresponder os dois sistemas, islâmicos e gregoriano, em seqüências cíclicas, é seguramente impraticável.

Todavia, se por alguma razão queiram estabelecer um período, onde os ciclos fossem harmônicos, poderiam recorrer do seguinte artifício:

Ciclo islâmico de 30 anos (10.631 dias) X ciclo gregoriano (146.097 dias) = 1.553.157.207 dias ou, 146.097 ciclos islâmicos de 30 anos ou, para finalizar 10.631 ciclos gregorianos de 400 anos mais 1 dia.

Independentemente da impossibilidade prática de se estabelecer harmonias cíclicas entre os sistemas, para enriquecer com dados estatísticos o presente trabalho, divulgaremos um levantamento efetuado em 1500 anos islâmicos; pelo ineditismo, guardadas as devidas proporções, os dados que divulgaremos, de alguma forma poderão ser úteis:

<b>DIAS TRANSCORRIDOS EM 1500 ANOS ISLÂMICOS</b>	
<b>(HÉGIRA 1 A 1500)</b>	
A) DA HÉGIRA 1 ATÉ O FINAL DO CALENDÁRIO JULIANO (16/07/622 - sexta-feira até 4/10/1582 - quinta-feira)	350.721 dias
B) DA INTRODUÇÃO DO CALENDÁRIO GREGORIANO ATÉ O FINAL DO ANO DE 1999 (* ) 15/10/1582 (sexta-feira) até 31/12/1999 (sexta-feira) Nota:- a tabulação acima, 31/12/1999, é apenas circunstancial, não existindo nenhuma característica especial, a não ser, como marco de final do milênio	152.384 dias
C) DO ANO 2000 ATÉ FINAL DO CICLO 50 1/01/2000 (sábado) até 16/11/2077 (terça-feira)	28.445 dias
<b>TOTAL DE DIAS EM 1500 ANOS ISLÂMICOS</b>	<b>531.550 dias</b>

(\* ) Nem todos os países adotaram o calendário gregoriano na mesma data.

<b>FREQÜÊNCIA DOS MESES EM QUE DEU-SE O PRIMEIRO DO ANO (PRIMEIRO DE MOHARREM) (HÉGIRA 1 A 1500)</b>	
JANEIRO	129 ANOS
FEVEREIRO	117
MARÇO	127

ABRIL	124
MAIO	130
JUNHO	122
JULHO	129
AGOSTO	126
SETEMBRO	120
OUTUBRO	128
NOVEMBRO	120
DEZEMBRO	128
TOTAL	1.500 ANOS

**FREQÜÊNCIA DOS DIAS DAS SEMANAS EM QUE DEU-SE O PRIMEIRO DO ANO (PRIMEIRO DE MOHARREM) (HÉGIRA 1 A 1500)**

SEXTA-FEIRA	215
SÁBADO	213
DOMINGO	216
SEGUNDA-FEIRA	215
TERÇA-FEIRA	214
QUARTA-FEIRA	214
QUINTA-FEIRA	213
TOTAL	1.500 ANOS

Levando-se em consideração que o ciclo solar médio do calendário gregoriano corresponde a 365,2425 dias (*146.097 dias/400 anos*) e o ano lunar médio 354,3666666667 dias (*10.631/30*), também na média, a retroação do calendário islâmico para o gregoriano é anualmente de **10,8758333334 dias**; isso corresponde a aproximadamente um ano gregoriano a cada **33,5829438358 anos**.

Para consolidar os conhecimentos já adquiridos, convém esclarecermos ainda o seguinte:

Como já sabemos, o calendário islâmico, essencialmente lunar, em relação ao gregoriano que é solar, distancia-se anualmente, em média **10,876 dias**, fator esse que torna o primeiro sistema muito especial.

Cada um dos 12 meses islâmicos e, conseqüentemente, cada um dos 354 ou 355 dias do ano, desliza pelo calendário gregoriano sistematicamente; qualquer data, em anos subseqüentes, incidirá automaticamente em todos os 12 meses gregorianos.

Em média, uma data do calendário islâmico, rotativamente, incidirá em dois ou três meses idênticos, do calendário gregoriano; com

menor incidência é verdade, um acontecimento islâmico repetir-se-á em um mesmo ano gregoriano.

Por exemplo, o Ano Novo (*Primeiro de Moharrem*) de 1397 da Hégira e o 1398 foram celebrados em janeiro e dezembro, respectivamente nos dias 3 e 23 do ano de 1976.

Para se ter uma idéia, em 1500 anos islâmicos, essa particularidade ocorrerá apenas 44 vezes em 50 ciclos de 30 anos, ou seja, uma incidência em cada ciclo; as exceções, em número de 6, deram-se nos ciclos 5, 14, 23, 24, 33, e 42.

Para um perfeito entendimento dessa particular rotatividade, analisemos como se comporta o mês de **Ramadán**, o mês do jejum, um dos mais importantes para os adeptos, em relação as estações do ano e, por conseqüência, do calendário solar gregoriano.

Os ciclos escolhidos, por serem contemporâneos, foram os 48 e 49 (*parcial*), cobrindo do ano islâmico 1411 a 1445, correlacionados de 24 de julho de 1990 a 7 de julho de 2024 gregorianos; vejamos o resultado apurado no planilhamento a seguir:

**ROTATIVIDADE DO MÊS SAGRADO DE RAMADÁN DURANTE AS ESTAÇÕES DO ANO (AMOSTRAGEM RETIRADA DOS CICLOS 48 E 49 -PARCIAL- DE 30 ANOS)**

HÉGIRA	PRIMEIRO DE RAMADÁN	30 DE RAMADÁN	ESTAÇÕES DO ANO
1411	17/03/1991	15/04/1991	VERÃO/OUTONO
1412	5/03/1992	3/04/1992	VERÃO/OUTONO
1413	23/02/1993	24/03/1993	VERÃO/OUTONO
1414	12/02/1994	13/03/1994	VERÃO
1415	1/02/1995	2/03/1995	VERÃO
1416	22/01/1996	20/02/1996	VERÃO
1417	10/01/1997	8/02/1997	VERÃO
1418	31/12/1997	29/01/1998	VERÃO
1419	20/12/1998	18/01/1999	PRIMAVERA/VERÃO
1420	9/12/1999	7/01/2000	PRIMAVERA/VERÃO
1421	28/11/2000	27/12/2000	PRIMAVERA/VERÃO
1422	17/11/2001	16/12/2001	PRIMAVERA
1423	6/11/2002	5/12/2002	PRIMAVERA
1424	27/10/2003	25/11/2003	PRIMAVERA
1425	15/10/2004	13/11/2004	PRIMAVERA
1426	4/10/2005	2/11/2005	PRIMAVERA
1427	24/09/2006	23/10/2006	PRIMAVERA
1428	13/09/2007	12/10/2007	INVERNO/PRIMAVERA
1429	2/09/2008	1/10/2008	INVERNO/PRIMAVERA

1430	22/08/2009	20/09/2009	INVERNO
1431	11/08/2010	9/09/2010	INVERNO
1432	1/08/2011	20/08/2011	INVERNO
1433	20/07/2012	18/08/2012	INVERNO
1434	9/07/2013	7/08/2013	INVERNO
1435	29/06/2014	28/07/2014	INVERNO
1436	18/06/2015	17/07/2015	OUTONO/INVERNO
1437	7/06/2016	6/07/2016	OUTONO/INVERNO
1438	27/05/2017	25/06/2017	OUTONO/INVERNO
1439	16/05/2018	14/06/2018	OUTONO
1440	6/05/2019	4/06/2019	OUTONO
1441	24/04/2020	23/05/2020	OUTONO
1442	13/04/2021	12/05/2021	OUTONO
1443	3/04/2022	2/05/2022	OUTONO
1444	23/03/2023	21/04/2023	OUTONO
1445	11/03/2024	9/04/2024	VERÃO/OUTONO

*Nota:- Conforme estudado, o mês de Ramadán, em alguns anos, para ajuste das lunações, poderá ter 29 dias; nessas hipóteses, adianta-se um dia gregoriano do Primeiro de Ramadán e retira-se um do 30 dia. Nesses casos, os dias das semanas do Primeiro de Ramadán serão idênticos ao 29 dias.*

Sem aprofundarmos demasiadamente em detalhes, percebemos claramente na planilha acima, os seguintes aspectos:

O mês escolhido para análise, **Ramadán**, o Nono mês islâmico, constituindo-se de 29 ou 30 dias, rotaciona pelos 12 meses do ano solar gregoriano; conseqüentemente, faz com que as 4 estações do ano também deslizem.

Para facilitar as observações, no que diz respeito ao Hemisfério Sul, as 4 estações do ano manifestam-se como segue:

21/03	começo do outono
21/06	começo do inverno
23/09	começo da primavera
22/12	começo do verão

#### **4.3- FESTAS RELIGIOSAS**

As principais festas religiosas do islamismo são:

O dia santificado é a sexta feira

O Ano Novo, no Primeiro de Moharrem (A Hégira, na véspera do dia Primeiro)



Achura (Ashuraa):- 10 de Moharrem
Morte do Profeta:- 28 de Zafar
Nascimento do Profeta (Mawlid al Nabi- 23 de abril de 571):- 12 de Rabi I
Primeiro ano da Hégira, 622 a.D:- 14 de Rabi II
Leilat Al Me'raj:- 26 de Reyeb
Leilat Nisf Sha'ban:- 15 de Chaban
Morte de Fátima, filha do Profeta (11 a.H):- 3 de Ramadán
Morte de Cadija, esposa do Profeta (58 a.H):- 17 de Ramadán
A revelação do Alcorão:- 24 de Ramadán (Ramadán é o mês do jejum)
A pequena Festa (Eid al-Fitr):- celebrada nos três primeiros dias do mês Chual
A Grande Festa (Eid al-Adha) ou Festa do Sacrifício:- 10 a 13 de Dulhiya

## 5) O CALENDÁRIO ISLÂMICO PERMANENTE (**CALISPER**)

Da mesma forma que o **CAPEPA** é considerado, ou seja, uma contribuição de melhoria, o **CALISPER**, por analogia, também.

Contrariamente, porém, do primeiro que origina-se de um calendário civil, com os eventos da religião católica subordinados aos Cômputos Eclesiásticos, o **calendário islâmico**, subordina-se profundamente aos ditames do Islã, baseados nos preceitos transmitidos à Maomé, perpetuados no Corão; em síntese, o elo existente entre o calendário e as manifestações religiosas são indissolúveis.

O **Calisper**, em que pese a grande vantagem oferecida aos usuários, não substitui em hipótese alguma os produtos que sempre se caracterizaram pelo alto grau informativo e, pela beleza estética, visual e gráfica, popularmente denominados, em português, de *folhinhas*.

Além de sua função primordial, informar o desenvolvimento do ano islâmico em curso, tem uma serventia de se posicionar para o passado, até o início da Hégira, como projetar-se ao futuro; quando, porém, acionado em sua função mais exponencial, ou seja, correlacionar-se com os calendários tanto Juliano, como gregoriano, atinge sem dúvida, o auge da sua potencialidade.

Fácil manuseio, portabilidade e, o melhor, baixo custo, o Calisper poderá ser uma alternativa para usuários dos mais variados segmentos:

se assim o quiser Deus, Clemente, Misericordioso.

## 5.1- SISTEMA OPERACIONAL

### 5.1.1- ASPECTO FÍSICO DO CALISPER



O **Calisper** é composto de duas cartelas externas (frente/verso) e uma interna, também impressa nas duas faces e, completando a parte física, duas tiras móveis; as cartelas externas, são justapostas, como se fosse um envelope.

No corpo central da cartela ao lado, em uma das suas faces, estão impressos os 12 meses do calendário islâmico, em linhas alternadas, cujos espaços em branco, dispostos na horizontal são vazados. Dispostos em colunas, os dias seqüenciais dos meses, estrategicamente estão dispostos em número de 28, obedecendo a uma matriz (28 X12), cuja última linha horizontal contém apenas 19 dias, perfazendo 355 dias.

Como o ano islâmico pode ter 354 ou 355 dias, foi utilizado um estratagema para ganho de espaço; quando tiver 354 dias, simplesmente despreza-se a leitura do último dia do ano (30 de Dulhiya).

Na parte frontal da cartela externa, do lado (*geralmente direito*) dos dias dos meses islâmicos, na mesma seqüência alternativa, a indicação impressa dos nomes dos meses; também nas linhas intermediárias, posicionam-se os espaços vazados.

Na primeira e décima terceira linha, surgem os nomes dos meses **Moharrem** e **Dulhiya** sozinhos; nas outras, sempre teremos a impressão do nome de dois meses:

Moharrem (complemento)	Zafar
Zafar (complemento)	Rabi I
Rabi I (complemento)	Rabi II

A explicação dessa anomalia é simples.

Como os dias seqüenciais dos meses (*29 ou 30 dias*) estão contidos numa matriz horizontal de 28 espaços, sempre teremos que completá-los nas linhas subseqüentes.

Dando seqüência a complexão física do **Calisper**, temos duas tiras confeccionadas à parte e que incorporam-se ao lado frontal da cartela externa.

A primeira delas, menos larga, por convenção, denominada de **Tira dos Dias das Semanas** e a segunda, **Tira dos Meses Gregorianos**; a tira dos dias das semanas desliza na horizontal, na parte frontal da cartela, logo acima dos primeiros dias de Moharrem, e a dos meses gregorianos, na parte interna da cartela externa, projetando a informação dos meses, através dos vazamentos contidos nos espaços das laterais.

Na tira dos dias das semanas, estão impressos, na mesma largura dos dias dos meses, 34 dias, da esquerda para a direita, iniciando-se pela sexta-feira e terminando em uma quarta-feira.

Mediante manipulação do usuário, a tira desloca-se, de maneira a mostrar sempre 28 dias das semanas, ficando os outros seis escamoteados; começando, por exemplo, o primeiro da esquerda sendo uma sexta-feira, o 28 da direita será uma quinta e, assim por diante.

A sustentação física da tira dos dias das semanas dá-se por dois cortes laterais na parte frontal da cartela externa, imediatamente acima dos dias seqüenciais dos meses islâmicos, por onde encaixam-se as laterais direita e esquerda da tira transversal.

O ajuste manual da tira transversal dos dias das semanas é "**calibrado**", mediante um código de letras (*explicado mais adiante*) que ao transpassar um orifício estrategicamente feito na parte frontal da cartela externa, orientará o usuário.

Esse código de letras é impresso na lateral direita da tira transversal, após os dias semanais, ficando dessa forma, encaixado por dentro da cartela externa.

A tira mais larga, que desliza na vertical, por dentro da cartela externa, têm impresso os meses gregorianos, os quais serão projetados através dos espaços vazados, correlacionando-se com os meses islâmicos impressos na parte frontal da cartela externa.

Também essa tira, em cada ano pesquisado, necessita e deverá ser ajustada pelo manipulador do **Calisper**; projetam-se através de um orifício mantido na parte frontal da cartela externa, impressos na linha vertical, os números codificados dos meses gregorianos.

Finalmente, como parte gráfica do **Calisper**, temos a cartela interna, portadora da configuração mais complexa, impressa dos dois lados; do lado A, com o gabarito para os anos gregorianos comuns e do B, para os bissextos.

Cada um dos lados da cartela interna têm dois campos de impressões que são fundamentais para o sistema em pauta; o primeiro, na parte superior, abrangendo mais ou menos 1/3 do espaço, os códigos numéricos dos meses gregorianos e na parte restante, em linhas, os números dos dias mensais do calendário gregoriano.

Tanto os códigos dos meses como os números dos dias dos meses, são impressos alternativamente,

janeiro, fevereiro  
julho, agosto  
março, abril  
setembro, outubro

e assim por diante.

Todos os dígitos impressos obedecem a um código de cores, os quais projetam-se através dos espaços vazados da cartela externa, estrategicamente posicionados logo abaixo das seqüências dos dias mensais islâmicos.

Como qualquer ano islâmico, teoricamente pode ter o seu início em qualquer mês gregoriano e respectivos dias, faz com que a cartela interna locomova-se tanto para cima como para baixo, bem como para a direita ou para a esquerda.

É providencial deixarmos claro que esse deslocamento ocorrerá somente uma só vez, no ato da pesquisa do ano procurado; posteriormente, como aliás todos os outros ajustes permanecerão absolutamente fixos.

Para o leitor mais atento a detalhes, pode parecer estranho que as linhas impressas horizontalmente, repitam meses nas linhas subseqüentes; tal disposição, propositalmente provocada, tem por finalidade, reduzir a largura física do projeto.

Como o início do ano islâmico pode, em cada mês gregoriano, manifestar-se em todos os dias dos meses e, como a matriz de 28 dias, para ajuste das semanas, delimita os meses islâmicos, optou-se pelo seguinte:

Com exceção das duas primeira e três últimas linhas da cartela interna, cada uma comporta um total de 55 dias; dessa forma, quando projeta-se, através dos espaços vazados da cartela externa, os 28 dias, ficam escamoteados 27 dias, ou seja, praticamente a outra metade.

Evidentemente, como os meses gregorianos podem ter 28,29,30 e 31 dias, cada linha da cartela interna, poderá ter dias até de três meses.

Um outro subterfúgio usado, em função das características acima, foi a projetar-se para o primeiro dia do ano islâmico Moharrem, em cada linha e, em cada mês, dias gregorianos de 1 a 14; na hipótese dos restantes, a pesquisa é dirigida para a linha seguinte.

LINHAS DA CARTELA INTERNA	MESES	FAIXA DOS DIAS UTILIZADOS-ANOS COMUNS (FACE A)	FAIXA DOS DIAS UTILIZADOS-ANOS BISSEXTOS (FACE B)
1	JANEIRO	1 ... 14	
3	JANEIRO	15...31	
3	FEVEREIRO	1...11	
5	FEVEREIRO	12...28	12...29
5	MARÇO	1...11	1...10
7	MARÇO	12...31	11...31
7	ABRIL	1...8	1...7
9	ABRIL	9...30	8...30

9	MAIO	1...6	1...5
11	MAIO	7...31	6...31
11	JUNHO	1...3	1 a 2
13	JUNHO	4...30	3...30
2	JULHO	1...14	
4	JULHO	15...31	
4	AGOSTO	1...11	
6	AGOSTO	12...31	
6	SETEMBRO	1...8	
8	SETEMBRO	9...30	
8	OUTUBRO	1...6	
10	OUTUBRO	7...31	
10	NOVEMBRO	1...3	
12	NOVEMBRO	4...30	
12	DEZEMBRO	1	
14	DEZEMBRO	2...31	

Para o usuário do **Calisper**, a aparente complexidade das tabulações são omitidas, pois os códigos, estrategicamente impressos, projetados através de um orifício vazado, posicionado na parte frontal superior da cartela externa, informará a coordenação exigida entre dias gregorianos e islâmicos, conciliando dessa forma, os dois sistemas de calendários.

## 5.1.2- CODIFICAÇÃO DO CALISPER

### SIGLAS ALFAS E SIGLAS NUMÉRICAS

Na sua estrutura, a configuração de código aplicada ao **Calisper** é bem simples.

Basicamente, nove siglas alfas e doze numéricas, dão sustentação ao processo todo; de resto, os próprios dígitos numéricos dos dias gregorianos, complementam o código.










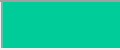


Embelezando o produto, três tonalidades básicas, o verde, o azul e o vermelho, dão um colorido particular e, de forma insofismável, ajudam na perfeita manipulação do calendário.

SIGLAS ALFAS		SIGLAS NUMÉRICAS
A (Cartela interna)	dias dos meses gregorianos comuns	1- janeiro (cartela interna) 2- fevereiro (cartela interna)
B (Cartela interna)	dias dos meses gregorianos bissextos	3- março (cartela interna) 4- abril (cartela interna)
C (Tira horizontal)	1 de Moharrem iniciando em uma sexta	5- maio (cartela interna) 6- junho (cartela interna)

D (Tira horizontal)	1 de Moharrem iniciando em uma sábado	7- julho (cartela interna)
E (Tira horizontal)	1 de Moharrem iniciando em um domingo	8- agosto (cartela interna)
F (Tira horizontal)	1 de Moharrem iniciando em uma segunda	9- setembro (cartela interna)
G (Tira horizontal)	1 de Moharrem iniciando em uma terça	10- outubro (cartela interna)
H (Tira horizontal)	1 de Moharrem iniciando em uma quarta	11- novembro (cartela interna)
I (Tira horizontal)	1 de Moharrem iniciando em uma quinta	12- dezembro (cartela interna)

## CÓDIGO DE CORES

Alternando-se de três em três, as cores **verde**, **azul** e **vermelho**, são auxiliares preciosas do sistema, tais como:

Janeiro		Cartela interna e tira vertical
Fevereiro		Cartela interna e tira vertical
Março		Cartela interna e tira vertical
Abril		Cartela interna e tira vertical
Maio		Cartela interna e tira vertical
Junho		Cartela interna e tira vertical
Julho		Cartela interna e tira vertical
Agosto		Cartela interna e tira vertical
Setembro		Cartela interna e tira vertical
Outubro		Cartela interna e tira vertical
Novembro		Cartela interna e tira vertical
Dezembro		Cartela interna e tira vertical

*Nota:- As 12 siglas numéricas, constantes da cartela interna e da tira vertical, são coloridas obedecendo ao padrão acima.*

## CÓDIGO CALISPER DE SEIS DÍGITOS

Por convenção, neste trabalho, entende-se por código **Calisper**, a conjugação de siglas.

Como já estudado, basicamente o calendário islâmico têm duas fórmulas: uma com 354 dias, meses alternados de 30 e 29 dias e, outra com 355 dias, adicionando-se um dia no último mês **Dulhiya**.

Entretanto, quando correlacionado com o gregoriano, as complicações multiplicam-se.

Como o **Primeiro de Moharrem** (*Ano novo islâmico*) pode, teoricamente, cair em qualquer dos 365 ou 366 dias gregorianos, as fórmulas existentes, além de ampliarem-se, provocam, pela disparidade dos calendários envolvidos, inúmeras dificuldades operacionais.

Para conciliar os dois sistemas, talvez mérito maior do **Calisper**, necessita do apoio de um código de seis dígitos, o qual, compõe-se das siglas; a primeira sigla, A ou B, determina o ano gregoriano, se é um ano comum ou bissexto. A segunda sigla, espaço reservado para dois dígitos, utiliza-se do próprio dia seqüencial dos meses gregorianos, data em que inicia-se o ano islâmico, o **Primeiro de Moharrem**.

A terceira sigla, espaço reservado também para dois dígitos (1 a 12), indica qual o mês gregoriano a ser utilizado.

A última sigla (**C,D,E,F,G,H,I**) indica qual o dia da **semana gregoriana** que dá o início ao primeiro dia do **ano islâmico**; conseqüentemente, posicionado o primeiro dia do ano islâmico, todos os demais 354 ou 355 dias estarão perfeitamente enquadrados.